

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

**ISADORA MARQUES ROCHA
LAUREN ISABELLY COSTA DE FARIA**

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS

Pouso Alegre- MG

2024

**ISADORA MARQUES ROCHA
LAUREN ISABELLY COSTA DE FARIA**

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade do Vale
do Sapucaí, como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Lucas
Navaroli Ribeiro Silva.

Pouso Alegre- MG

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca

Rocha, Isadora Marques.

Gravidez na adolescência: implicações e desafios / Isadora Marques
Rocha, Lauren Isabelly Costa de Faria – Pouso Alegre: Universidade
do Vale do Sapucaí, 2024.

28f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) –
Universidade do Vale do Sapucaí, Curso de Psicologia, 2024.

Orientador: Me. Lucas Navaroli Ribeiro Silva.

1. Psicologia. 2. Gravidez. 3. Adolescência. I. Lauren Isabelly Costa
de Faria. II. Título.

CDD – 150

Bibliotecária responsável: Michelle Ferreira Corrêa

CRB 6-3538

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
CURSO DE PSICOLOGIA

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS

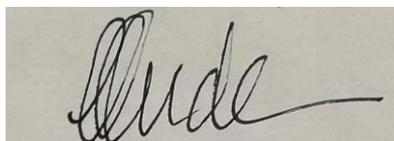
ISADORA MARQUES ROCHA
LAUREN ISABELLY COSTA DE FARIA

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia
apresentado à banca examinadora formada
pelos seguintes especialistas, como exigência
parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Documento assinado digitalmente
 LUCAS NAVAROLI RIBEIRO SILVA
Data: 02/12/2024 13:42:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador – Prof. Me. Lucas Navaroli Ribeiro Silva.

Universidade do Vale do Sapucaí



1º Examinador – Profa. Me. Érika Maria Pannain Rezende.

Universidade do Vale do Sapucaí



2º Examinador – Profa. Me. Eveline Raquel de Oliveira Moura.

Universidade do Vale do Sapucaí

Aprovada em 07 de Novembro de 2024.

RESUMO

É notório o crescente número de gravidezes na adolescência. Há muitas críticas direcionadas a gravidez na adolescência, que acabam no discurso de uma incapacidade fisiológica e psíquica para gestar/criar seus filhos. Este fenômeno é colocado como algo indesejável possuindo apenas consequências negativas, o que gera muita insegurança nas jovens quando se descobre a gravidez nesta fase da vida. Esses posicionamentos e argumentos podem recair em discursos baseados no julgamento moral e reducionista de um contexto de sociedade que por muitas vezes não se adequa a realidade vivenciada por estas jovens adolescentes. O objetivo com esse trabalho é analisar esse fenômeno sob a ótica psicanalítica.

Palavras-chave: psicologia; gravidez e adolescência.

ABSTRACT

The increasing number of teenage pregnancies is well-known. Many criticisms are directed at teenage pregnancy, often highlighting a perceived physiological and psychological incapacity to bear and raise children. This phenomenon is frequently portrayed as undesirable with solely negative consequences, leading to significant insecurity among young women who discover their pregnancies during this stage of life. These perspectives and arguments may fall into moralistic and reductionist judgments that do not align with the realities experienced by these young adolescents. The aim of this study is to analyze this phenomenon from a psychoanalytic perspective.

Keywords: psychology; pregnancy and adolescence.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	METODOLOGIA	12
3	MATERNIDADE, ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE	13
4	A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE NA JUVENTUDE	16
5	OS EFEITOS PSÍQUICOS DESSE FENÔMENO	20
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Segundo Papalia (2013), em algumas sociedades modernas, o período transicional da infância para a maturidade não acontece com um único marco, mas por uma extensiva fase chamada: adolescência. Esse intervalo de desenvolvimento traz transformações cognitivas, físicas, sociais e emocionais, que se manifestam de variadas maneiras. Isso dependerá do contexto social, cultural e econômico que esse jovem estiver inserido.

A adolescência é definida como um período biopsicossocial que compreende, segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS, a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 19 anos. Esse também é o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, o período vai dos 12 aos 18 anos.

Para Papalia (2013), nas sociedades pré-industriais, as crianças passavam para a vida adulta ao alcançarem a maturidade física ou quando começavam a trabalhar. No ocidente, a adolescência só foi reconhecida como uma fase distinta da vida a partir do século XX. Hoje, a adolescência é um conceito global, embora possa assumir formas diferentes de acordo com a cultura.

Atualmente, a entrada na idade adulta leva mais tempo e é menos clara que no passado, sendo assim na maior parte do mundo. Papalia (2013) acredita, que a puberdade começa mais cedo que antigamente, e a vida profissional ocorre mais tarde, o que, com frequência, requer mais tempo de formação ou treinamento profissional com a finalidade de preparar o indivíduo para as responsabilidades da vida adulta. De modo geral, a adolescência começa com as transformações físicas da puberdade e se conclui com a integração social, profissional e econômica na vida adulta.

Uma mudança física importante na adolescência é o início da puberdade, o processo que conduz à maturidade sexual e a capacidade de reprodução. Duas das principais preocupações com a atividade sexual na adolescência são os riscos de contrair infecções sexualmente transmissíveis (IST) e a gravidez. O risco é maior entre jovens que iniciam a atividade sexual cedo, têm múltiplos parceiros ou não usam métodos contraceptivos regularmente e dispõem de informações inadequadas – ou equivocadas – sobre sexo. Furtado (2020), acredita que um fator para essa desinformação pode estar na crença de que os jovens são imaturos para lidar com informações sobre sexualidade.

Em 2023 o UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas, em parceria com o Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (Cidacs/ Fiocruz Bahia) e o Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia – UFBA, fizeram uma pesquisa a partir dos bancos de dados nacionais e lançaram a Cartilha Sem Deixar Ninguém para Trás: Gravidez, Maternidade e Violência Sexual na Adolescência. Essa pesquisa mostra que de 2008 a 2019, dos 6.118.205 bebês nascidos de mães adolescentes no Brasil, 296.956 são de mães com idade entre 10 e 14 anos e 5.821.426 nascidos de mães com idade entre 15 e 19 anos. Sendo a faixa etária de 10 a 14 anos, o maior percentual de nascidos vivos foi identificado entre as meninas indígenas e negras. Dandara Ramos, coordenadora da pesquisa, fez uma comparação do Brasil com outros países da América do Sul, no Brasil a taxa de maternidade na adolescência está em 14%, Peru e Costa Rica 11%, Argentina e Uruguai 10%, Chile 5%, Paraguai 15%, Equador 18% e Colômbia 18%.

Em 2019 foi aprovada a lei nº 13.798 e, por intermédio dela, o Governo Federal lançou a Semana Nacional da Prevenção da Gravidez na Adolescência, que é comemorada anualmente na primeira semana de fevereiro. A campanha visa disseminar informações sobre prevenção e educação sobre o tema para assim contribuir na redução da incidência da gravidez na adolescência (Brasil, 2019).

Ao longo do tempo, a psicologia foi se desenvolvendo conforme as pessoas iam se moldando e interagindo com o ambiente ao seu redor. Para Lane (1985), quando os indivíduos refletem sobre a realidade, sobre as relações interpessoais e sobre si mesmos, surgem conceitos psicológicos. Eles estabelecem áreas de estudo para compreender melhor o mundo; dentro destas áreas surge a psicologia, que busca compreender a subjetividade humana e como ela se relaciona com a realidade e com outros indivíduos.

Dessa forma, a psicologia pode ser vista como uma ciência social, que tem como foco o ser humano. Quando discutimos o progresso da psicologia, estamos, ao mesmo tempo, abordando o avanço do pensamento humano, sua evolução, seu processo e sua criação. Em outras palavras, reconhecemos que o ser humano está em constante evolução. Como analisa Lane, ele "fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza, o homem é cultura, é história" (Lane, 1985, p. 12).

A Psicologia e outras áreas da ciência têm se dedicado ao estudo da adolescência, buscando contribuir a qualificação dos trabalhos profissionais com estes jovens e a compreensão das demandas envolvendo a juventude. Ao buscarmos definições e esclarecimentos sobre essa fase, encontramos a autora Bock (2004) que enfatiza que a

adolescência é frequentemente apresentada em várias teorias como uma fase intrínseca à natureza humana. Nessa perspectiva, essa etapa é atribuída a características comuns a todos os indivíduos normais, muitas vezes sem considerar o contexto cultural em que estão inseridos.

Assim, Bock (2004) acredita-se que todos os seres humanos passam por esse estágio de desenvolvimento, marcado por conflitos e tensões emocionais além de mudanças fisiológicas. Dessa forma, a concepção de estágios de desenvolvimento se mostra uma constante nos estudos atuais sobre psicologia do desenvolvimento. As teorias tendem a interpretá-lo como um processo contínuo, onde o comportamento evolui de forma gradual em direção à maturidade.

No século XIX, em Viena, Sigmund Freud emergiu seus estudos sobre o fenômeno da histeria, que estava em evidência em toda Europa. Segundo, Melo (2020) Freud investigou a fundo e formulou toda a fundamentação da teórica psicanalítica, ele se atentava ao sofrimento que paciente relatava na fala. Seu trabalho culminou na despatologização da histeria. Para Viola e Vorcaro (2015), embora a adolescente não seja um conceito da psicanálise, ela manifesta um solo muito fértil para estudo de outros autores psicanalistas. Freud, cita a puberdade como um evento orgânico que gera o adolecer, assim como outros autores que estudam esse período transicional.

A Psicanálise propõe que a subjetividade se forma por meio de identificações, que são processos dinâmicos e imprevisíveis, conferindo ao indivíduo uma certa plasticidade. Freud (2010) vê a identificação como uma ligação libidinal primária, marcada pelo amor e pela inibição dos desejos sexuais, capaz de transcender o narcisismo individual e o ódio que nos separa, funcionando como a força que une as pessoas. Adicionalmente, a identificação permite que se desenvolva a constituição subjetiva, fundando-se em modelos parentais e sociais que atuam como referência; trata-se, portanto, de um processo único que pode seguir diversas direções.

Cassorla (2012) acredita que na adolescência há a manifestação intensa de ambivalência emocional por parte do adolescente que consegue amar e se identificar, de forma sadia, com seus pais, usando o compartilhamento de vivências e experiências entre eles para sentir-se forte ao ter de enfrentar a vida.

O adolescente pode sentir, ao mesmo tempo, inveja dos pais, por supor que nunca vai conseguir ultrapassá-los, já que tende a fantasiar que se trata de pessoas mais fortes e capazes. Segundo Cassorla (2012), essa ambivalência também pode-se dar por parte dos pais, que ao estimularem o filho a viver sua própria vida, sentem orgulho, vendo-o como produto do seu amor. Mas, podem sentir inveja e terror no sentido de que ele viva a sua própria vida, de maneira

melhor do que eles viveram as suas, resultando em uma sensação de que foram roubados (Cassorla, 2012).

Esta revisão bibliográfica tem por objetivo geral analisar o fenômeno da maternidade durante a adolescência e os impactos psíquicos neste contexto. E como objetivos específicos: Identificar as expectativas criadas diante de uma gravidez não planejada na adolescência; analisar a fantasia da gravidez em adolescentes; investigar a repetição de ciclos de gravidez precoce em contextos familiares; compreender os efeitos psíquicos desse fenômeno para a psicanálise.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho orientou-se por meio de uma abordagem bibliográfica, utilizando análise qualitativa, sustentada por uma revisão da literatura psicanalítica disponível sobre o tema em pauta: a gravidez na adolescência. Possuindo como objetivo buscar respostas para a discussão da maternidade na adolescência e os efeitos psíquicos relacionados a este contexto. Para a seleção de material, foram considerados artigos e fontes que tratassem da psicanálise.

O trabalho baseou-se nos descritores a seguir: Psicologia, Gravidez na Adolescência e Psicanálise. Com isso, foram levantados estudos bibliográficos que ajudaram na compreensão dos efeitos psicológicos desse fenômeno sob a perspectiva mencionada.

Para Marconi e Lakatos, (2019), a pesquisa bibliográfica é uma metodologia que oferece fundamentos teóricos já publicados, assim revelando o significado do percurso adotado para entender essa realidade ou temática. Portanto, este artigo tem como natureza a definição qualitativa. O objetivo foi reunir informações que possibilitassem a discussão sobre as construções sociais e o impacto psicológico na vida dos adolescentes nesse cenário.

3 MATERNIDADE, ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE

Badinter (1985) acredita que a maternidade é ambivalente, pois o termo refere-se à condição fisiológica da gestação e a maternagem, a condição cultural de cuidados e educação da mulher para seu filho. Carvalho (2020), defende que a maternidade faz parte de um construto social, isto é, tanto o ponto de vista gestacional e a relação mãe e filhos variam e são impactadas pela história e cultura que estão inseridos.

A maternidade é hoje um tema plural, em que se divergem em alguns momentos, por um lado de uma herança de ideal de amor materno e devoção e, em contrapartida, novos arranjos familiares, onde a mulher ocupa novas possibilidades de posição, diferente do século passado. Carvalho (2020) aponta que as novas hipóteses sobre a família e os discursos feministas provém de ensaios para acompanhar as metamorfoses que vem acontecendo nas configurações familiares.

No século anterior era comum meninas entre doze e catorze anos já estarem casadas e com filhos. Caso não fossem, era sinal de alguma divergência, pois se não se casassem, pelo contexto histórico da época, era um problema para a família. Moreira, Rosario e Santos (2011) pensa que a gravidez na adolescência passou a ser um problema na década de 70 e 80, as jovens eram expulsas de casa e acolhidas por outros familiares ou em abrigos para mães solteiras.

Na atualidade os jovens têm fácil acesso a referencias de sexualidade, referência essa ambígua, pois mesmo tendo um grande consumo de pornografia falar de sexo ainda é um tabu. Frizzo *et al* (2005) defende que os programas de prevenção se dão pelo viés do controle da repressão da sexualidade, quanto ao direito de prazer é condenado ao fracasso.

Nossos valores morais e éticos são baseados em raízes judaico-cristãs, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, São Jerônimo, os grandes líderes religiosos da igreja ajudaram a nutrir o negativismo em relação ao prazer sexual. Ao colocaram a origem do mal na sexualidade, pelo pecado original, o ser humano começou a se culpar pelo desejo. Segundo Vainfas (1992), o casamento era visto para a procriação e não como realização de desejos carnisais. Para Person (2005), Freud foi um dos primeiros autores a diferenciar sexualidade de sexo, ele expandiu o conceito. Freud (1977) trouxe a sexualidade humana como busca de prazer, que passa pelas fases oral, anal e fálica.

De acordo com Mendonça (2012), a sexualidade é plena de fantasias. Na realidade da relação com a pulsão sexual presentificam-se sempre o impasse e a angústia, porém no imaginário a sexualidade é livre. A prática sexual consentida não dispensa as fantasias sexuais

inconscientes edipianas nem o rochedo da castração. Por isso, muitas vezes tal prática é diferente da pretendida e da realizada. Difícil é lidar com o sexo, tal situação está posta para todos - jovens, adultos, homens e mulheres. O desencontro é uma marca da sexualidade e os bons encontros, eventuais. Para o jovem, iniciante na sexualidade, os desafios são grandes podendo ser ele tomado pela pulsão e instigado a passar do desejo ao ato. A puberdade ocorre quando surge um momento de indeterminação diante das escolhas amorosas que, entretanto, a partir de então haverão de ser confirmadas.

Violante (2007) defende que o desejo de ter filhos é herdado da experiência materna, mas só pode ser plenamente compreendido após a superação do Complexo de Édipo. Para que essa compreensão ocorra, a sexualidade infantil da mulher precisa ter sido reprimida. A autora ainda afirma que “o desejo da maternidade é, na verdade, o anseio de reproduzir, de maneira espelhada, a relação com a própria mãe” (Violante, 2007, p. 367). Para Moreira, Rosario e Santos (2011) o sentimento materno é construído a partir das relações que a menina estabeleceu com suas referências femininas e de como sua castração afetou seu desenvolvimento emocional.

Ao nascer um bebê, é recorrente que a atenção que antes era voltada para a gestante passe a ser aplicada ao bebê. Frizzo *et al* (2005) destacam a importância de que a mãe tenha um ambiente de apoio, para que possa passar por essa etapa sem se sentir deixada de lado e facilitar na transição de filha a mãe. O autor menciona que atualmente é considerado aceito e esperado apenas gravidezes de mulheres adultas, casadas e heterossexuais. As adolescentes grávidas são julgadas e desvalorizadas pela sociedade, algumas críticas sobre a gravidez na adolescência tendem a se concentrar na ideia de que as jovens não têm a capacidade física e emocional para gestar e cuidar de seus filhos.

Conforme Winnicott (1975), é necessário que a maternidade atenda às necessidades básicas do bebê, ou preocupação materna primária, para o desenvolvimento emocional possa acontecer como o esperado. Não há a menor chance de um bebê fazer a transição do princípio de prazer para o princípio de realidade, e além dele, para uma identificação primária, sem uma mãe suficientemente boa. Essa mãe, necessariamente, não é a genitora do bebê, é a mãe que se adapta com as necessidades do filho e, aos poucos, diminui conforme seu filho a habilidade de reconhecer o insucesso dessa adaptação e de lidar com as frustrações consecutivas.

Winnicott (1994) defende que a mãe não pode aprender, por meio de livros ou de profissionais da saúde, o que deve fazer em relação ao seu papel. A natureza determinou que os bebês não têm a opção de escolher suas mães. Eles simplesmente vêm ao mundo, e as mães têm o tempo necessário para se adaptarem. Quando o bebê está pronto para nascer, a mãe está

preparada para viver uma experiência na qual ela compreende intuitivamente as necessidades do bebê.

É neste aspecto que a mãe não pode aprender nada a partir de livros. Todo esse processo é muito sutil, mas, através de muitas repetições, contribui para estabelecer os fundamentos da capacidade que o bebê tem de se sentir real. Para Winnicott (1994), houve uma evolução na maneira como se vê o bebê. Ao longo dos séculos, os pais passaram a perceber o bebê não apenas como um pequeno ser, mas como uma pessoa com uma identidade própria — um pequeno homem ou uma pequena mulher. Inicialmente, essa visão foi rejeitada pela ciência, que afirmava que a criança não é um adulto em miniatura, e por muito tempo os observadores consideraram as crianças como seres bastante desprovidos de humanidade até que começassem a falar. Recentemente, contudo, descobriu-se que os bebês são, de fato, humanos, embora em uma fase de desenvolvimento propriamente infantil.

4 A EXPERIENCIA DA MATERNIDADE NA JUVENTUDE

A gravidez na adolescência, tanto para a sociedade quanto para a família, é um evento que repercute inevitavelmente de forma negativa na vida da jovem mãe, impondo-lhe grandes desafios futuros. Benzoni (2020) cita que todos os envolvidos nesse processo —gestação, parto e após o nascimento da criança — enfrentam novas mudanças na rotina, que rompem com o desenvolvimento esperado da adolescência e a busca por independência. A mudança abrupta nos planos para a adolescente e seus familiares pode gerar conflitos tanto internos quanto externos.

Para Benzoni (2020), algumas adolescentes manifestaram o desejo de engravidar, justificando esse desejo por gostarem de crianças, quererem formar uma família, desejar a experiência de ser adulta ou buscar companhia. No entanto, ao discutir seus sentimentos em relação à gravidez, essas adolescentes demonstraram um envolvimento reduzido com a realidade, o que provavelmente será alterado após o nascimento da criança. Isso ocorre porque as jovens estavam em processo de formação e não possuíam a ingenuidade de uma criança nem a maturidade de um adulto, tanto do ponto de vista biológico quanto psicológico.

Conforme Benzoni (2020), inicia-se um misto de sentimentos para as adolescentes e seus familiares, marcando o início de um processo repleto de conflitos em suas vidas. Os planos traçados para o futuro das adolescentes tomam rumos inesperados, tornando difícil a aceitação, especialmente quando os pais têm consciência de que orientaram suas filhas sobre prevenção de gravidez e infecções sexualmente transmissíveis e mesmo assim, a gravidez ocorreu.

Segundo a teoria psicanalítica o recém-nascido é dependente de outro que invista nele para suprir suas necessidades essenciais biológicas e simbólicas. Ele precisa de alguém que lhe ofereça alimentação, higienização e segurança, oferecendo toque, olhar, lhe ofertando linguagem e pertencimento a uma história. Teperman, Garrafa e Iaconelli (2022) explana, de acordo com a teoria lacaniana, que este lugar é ocupado pelo Outro Materno. Somado a isso, Souza *et al.* (2017, p. 301) mencionam que “Este Outro apresenta a cultura ao pequeno bebê, que, através do remate do circuito pulsional, atinge a dimensão simbólica do Outro, podendo assim alcançar a linguagem, entrando no discurso”.

A Função Materna, como discorre Teperman, Garrafa e Iaconelli (2022), se caracteriza por um adulto que estabelece com o bebê uma relação privilegiada, lhe transmitindo linguagem, a qual se torna significativa para a constituição subjetiva do sujeito. A mãe, ou quem assume a posição de agente da função materna, encarrega-se de atender as necessidades primárias e

psíquicas do bebê, nomeando as suas vivências. Teperman, Garrafa e Iaconelli (2022, p. 64) ainda acrescenta que “seja ela exercida pela mãe, pelo pai, pela avó, por família acolhedora, por educador de serviço de acolhimento ou por qualquer outra pessoa, a função materna é mobilizadora e exigente do ponto de vista psíquico”.

O bebê é o objeto de desejo do seu agente da função materna. Sendo assim, quem exerce esta função deve investir no bebê para que esse se organize e se constitua psicologicamente. Nessa linha de raciocínio, é fundamental que a criança experimente o sentimento e o lugar que ocupa da vida do Outro pela via da função desempenhada pela pessoa que cuida, amamenta, olha nos olhos, ouve o que ela diz - não sendo necessariamente a mãe biológica quem irá exercer isso, mas alguém que exerça a função materna (Theisen, 2014). Theisen (2014, p. 3) em suas discussões acrescenta que “[...] a função materna sustenta para a criança uma imagem que serve para ela como referência para constituir-se subjetivamente”. É a partir dos cuidados que recebe do Outro que o bebê irá se constituir. Este Outro cuida-se, portanto, de estar atento aos sinais e as manifestações do bebê, interpretando-as e é nesse enlace e suposições maternas que a relação mãe-bebê passa a ser estruturante para a constituição psíquica da criança.

Devido a imaturidade psíquica do bebê ele não consegue diferenciar o interno do externo, logo, não diferencia o Eu do Outro. Winnicott (1978) indica que nessa fase o *vir a ser* só é possibilitado pelos cuidados maternos. Para que seja possível estabelecer essa relação com o bebê e para que esse sinta o ambiente enquanto parte de si, é necessário que a mãe alcance um estado de profunda identificação com seu bebê, de modo a se conectar com suas necessidades e, assim, poder respondê-las. Winnicott (1978) nomeia esse fenômeno como preocupação materna primária e o descreve como uma “doença normal”, um estado que se inicia no período final da gestação e do qual a mãe se retira após as semanas ou meses iniciais de vida da criança.

Na *preocupação materna primária*, descrita por Winnicott (1978) as mães atingem um estado de retraimento quase dissociativo, podendo ser considerado patológico se não fosse a gestação e o contexto do puerpério. As mulheres desenvolvem uma sensibilidade aumentada e uma identificação profunda com o filho, isso permitirá a adaptação suficientemente boa entre ambos.

A dependência absoluta do bebê dura pouco tempo e logo se torna relativa. Gradualmente, o bebê desenvolve a capacidade de esperar que suas necessidades sejam atendidas, e a adaptação quase absoluta às suas necessidades não é mais necessária (ou bem-

vinda): “A adaptação vai diminuindo de acordo com a crescente necessidade que o bebê tem de experimentar reações à frustração” (Winnicott, 1999, p. 4).

Vera Iaconelli (2023) em seu livro, *Manifesto Antimaternalista*, discute como a sociedade glorifica a maternidade, colocando pressão sobre as mulheres para que se tornem mães, muitas vezes sem considerar suas individualidades e escolhas pessoais. A autora também desmitifica a noção de um instinto materno inato, ele pode ser limitante e não reflete a realidade da experiência materna. A maternidade é multifacetada e pode incluir sentimentos variados, desde alegria até dúvidas e dificuldades. Também destaca como as expectativas culturais e sociais moldam a experiência da maternidade. Muitas mulheres sentem-se pressionadas a se encaixar em um ideal que pode não corresponder ao que realmente sentem ou desejam.

Vera Iaconelli (2023) também retrata a mãe padrão ouro:

trata-se da mulher, cisgênero, heterossexual, casada, branca, com recursos financeiros, adulta. Padrão que, ao ser usado como norma, reproduz o ideário hegemônico e opressor responsável pela patologização de outras configurações parentais e de outros/as cuidadores/as e pela reprodução de desigualdades sociais (Iaconelli, 2023, p. 23).

A cidadania embora seja garantida a todas as pessoas em nível formal, no cotidiano seu acesso não se concretiza, assim afirma Martins (2021). As políticas públicas e os direitos sociais para adolescentes não tem acesso efetivo de maneira igualitária. Esse acesso interferirá diretamente nas expectativas de futuro desse jovem e impactará suas decisões reprodutivas. Apesar do discurso capitalista valorizar a igualdade e reconhecer que todos são iguais perante a lei, quando verificamos as condições de vida das pessoas, o que prevalece é a desigualdade.

Quando se trata da saúde reprodutiva, os contextos assimétricos de gênero tendem a ser restritivos para as mulheres em geral e ainda mais adversos para as adolescentes. Martins (2021) alega que as escolhas reprodutivas não se baseiam somente no conhecimento e acesso ao método contraceptivo, mas se relacionam com a capacidade de negociação com o seu parceiro. Meninas que foram socializadas em contextos que valorizam a centralidade masculina tendem a subjugar suas escolhas contraceptivas em função das vontades dos homens.

Assim, Martins (2021) discorre que o uso ou não do preservativo é um exemplo de como a vontade masculina é determinante para a escolha deste método. Como a liderança e a decisão são características socialmente consideradas masculinas, é esperado que os homens tomem a iniciativa, de modo que, muitas vezes, as mulheres anulam sua própria opinião e vontade, principalmente quando o homem manifesta o desejo de não usar a proteção. Propor ativamente

a adoção desse método contraceptivo ainda parece ser um desafio para as mulheres e, em especial, para as adolescentes. Mulheres que sabidamente terão a sua moralidade questionada ao propor a utilização de preservativos, dificilmente irão sugerir ativamente esse tipo de proteção.

5 OS EFEITOS PSÍQUICOS DESSE FENÔMENO

Os cuidados de um bebê demandam uma rede de profissionais e familiares, essa rede envolve e afeta os cuidados primordiais do bebê. Incidem ainda, sobre essa rede, a situação socioeconômica dos responsáveis pela criança e as políticas públicas a que a família tem acesso. Kehdy (2019) debate sobre o laço social oferecido atualmente as mães, no exercício das funções parentais, apontando a interferência da vulnerabilidade social, que diz respeito tanto a questões de ordem material, quanto à fragilidade das redes de apoio e relações interpessoais. Perante uma sociedade, que pende mais ao julgamento moral do que ao acolhimento dessas mães, a autora afirma que a vulnerabilidade social dos cuidadores primordiais incorre em fator de risco para a subjetivação da criança.

De acordo com Carvalho (2020), a vulnerabilidade social, seja referente a questões materiais ou interpessoais, diz respeito ao desamparo vivido diante das relações, figuras e instituições sociais que vinculam os indivíduos à sociedade. Esta vulnerabilidade social, se diferencia da vulnerabilidade psíquica descrita por Winnicott quando se refere ao estado de preocupação materna primária, embora tais vulnerabilidades possam se articular e se potencializar, especialmente diante das especificidades das quais decorre o fenômeno da maternidade.

Winnicott (1997) se refere à vulnerabilidade da mãe enquanto identificada ao bebê recém-nascido e afirma que, muitas vezes, essa vulnerabilidade passa despercebida devido à existência de uma “camada de proteção” em torno da mãe. Apenas quando há uma ruptura das forças que amparam e protegem a figura materna, pode-se constatar o quão vulnerável e dependente a mãe está (Winnicott, 1997), de modo que os aspectos da patologia vêm evidenciar os fatores envolvidos nos cuidados ao bebê, que se mantêm invisíveis quando tudo vai bem.

Winnicott (1997) discorre sobre as dificuldades que podem incidir sobre as mulheres no período puerperal e afirma que os distúrbios puerperais podem ser ocasionados pelo colapso das forças que amparam e sustentam as mães. De fato, mães deprimidas tendem a relatar maior sobrecarga e insatisfação com o apoio recebido, seja por companheiros, seja por outras figuras de suas redes (Sousa *et al.*, 2011), de modo que essas sensações de sobrecarga e desamparo, mesmo que se articulem a questões subjetivas e infantis dessas mães, não se desvinculam do entorno real e efetivo dessas mulheres quando vivem a maternidade. Tanto os fatores pessoais e singulares das mães, quanto a qualidade de suas redes de suporte se relacionam com o modo como a vulnerabilidade materna é vivenciada, assim como a forma com que as mães lidam com

a complexidade da experiência da gestação, do parto e do puerpério (Missonnier, 2002). Frequentemente, a relação íntima e afetiva com a rede de apoio pode ser determinante para a confiabilidade e segurança do cuidador primordial na relação com o bebê.

Os sentimentos vividos no momento da descoberta da gestação, estão atrelados ao quanto a gestação na adolescência é fantasiada pelas adolescentes, a possibilidade de aniquilamento das afetividades vividas com suas figuras parentais, pois ali existe a fantasia da rejeição já que não atenderam às expectativas que os pais têm em cima das mesmas. Benzoni (2020) ressalta que o medo é compreendido por nós desde que o homem nomeou cada sentimento que habitava em si, o medo é um afeto humano que as nossas vivências familiarizadas se relacionam com as consequências. Quando trazemos isso para o assunto abordado entendemos que a quantidade de restrições e o grau delas impõe o medo, por este motivo de fato pode surgir um aniquilamento de uma potência afetiva entre a adolescente e o meio onde ela está. No caso da jovem gestante as demandas geradas após isso podem levar a visão de uma falsa maturidade, uma vez que é algo esperado da parte delas quando se descobre a gravidez.

O imaginário das adolescentes, a gestação pode ser algo extremamente negativo, onde em sua fantasia, a gravidez é uma punição por ter tido relações sexuais e por esta razão pode até trazer o pensamento que deveria ser abandonada pelos pais e companheiro. A condição de quando existe o encontro mãe e bebê é o que faz o ser humano se torne humanizado, se sinta parte de um grupo, é estar com alguém que definitivamente vai te promover a integração para que aquele bebê se constitua como uma pessoa. Benzoni (2020) disserta que as fantasias adolescentes estão relacionadas diretamente com seus efeitos psíquicos, a adolescente que agora se torna mãe traz a fantasia do não encontro, principalmente com suas figuras parentais, fazendo com que ela não se sinta mais no papel de filha que antes ocupava.

Discutir os aspectos emocionais é fundamental para o trabalho dos profissionais de saúde, especialmente dos psicólogos, a fim de ajudar as adolescentes mães a se ajustarem à nova perspectiva que têm do mundo. É crucial implementar ações que possibilitem a revisão de seus sentimentos, contando com uma rede de apoio apropriada. Refletir sobre o comportamento e as emoções dessas jovens pode favorecer a criação de iniciativas voltadas para a promoção da saúde mental durante a gravidez, o que contribui para o fortalecimento de um vínculo positivo entre mãe e filho. Para Benzoni (2020), a jovem gestante procura redefinir sua identidade e se pergunta qual é o papel do bebê em sua trajetória. É evidente que essas mães adolescentes precisam de apoio não apenas de familiares e amigos, mas também de um

acompanhamento especializado por meio de uma equipe multidisciplinar, a fim de atenuar os potenciais impactos negativos que a gravidez inesperada na adolescência pode acarretar. Isso se deve ao fato de que, ao experienciar a maternidade nesse período, elas devem lidar com responsabilidades que anteriormente não possuíam.

O aumento da gravidez na adolescência tem sido observado em todo o mundo, com maior destaque nos países em desenvolvimento. Diversos fatores contribuem para essa situação, incluindo a falta de informação, a instabilidade econômica e o baixo nível educacional. Assim, é evidente que os elementos que influenciam a primeira ocorrência da gravidez na adolescência continuam sendo relevantes quando se analisa a repetição desse evento. Os aspectos que afetam o início da vida sexual das jovens têm um impacto significativo no seu comportamento sexual posterior (Longo, 2002). Essa observação é reforçada por Sabroza *et al.* (2004), que afirmam em sua pesquisa que o padrão de gestação muitas vezes se estabelece na adolescência, e que mães mais jovens apresentam maior chance de ter múltiplas gestações.

Dessa forma, é fundamental prestar atenção à gravidez na adolescência, pois esse fenômeno não se apresenta apenas como um evento isolado ou acidental; para algumas jovens, pode ocorrer mais de uma vez (Godinho *et al.*, 2000). Segundo Persona, Shimo e Tarallo (2004), a primeira gravidez indesejada não se mostra um fator eficaz para evitar novas gestações.

Godinho *et al.* (2000) destacam que o problema maior não é apenas a gravidez na adolescência, mas sim sua recorrência, que pode resultar em questões como intervalos curtos entre os partos e um risco elevado de baixo peso ao nascer para os bebês. Além disso, essas meninas enfrentam a sobrecarga de cuidar de dois ou três filhos, bem como das responsabilidades domésticas e do parceiro.

Assim, ao abordar a ocorrência de gravidezes repetidas entre adolescentes, é fundamental compreender a trajetória de vida dessas jovens, bem como a de seus pais e parceiros. Isso visa pensar em estratégias que atuem nos fatores psicossociais e econômicos, contribuindo para a prevenção de novas gestações. Para Braga (2020), considerando a complexidade desse fenômeno, é crucial debater as políticas de saúde atualmente aplicadas ao público adolescente. É importante ressaltar que não basta apenas promover a abstinência sexual como uma forma de adiar o início da atividade sexual ou fornecer informações sobre contraceptivos disponíveis. A proposta é implementar uma prática educativa que funcione como um processo sistemático de orientação e reflexão acerca da sexualidade, oferecendo condições para que jovens entendam a conexão entre seus desejos, a busca pela felicidade e as decisões sobre sua vida sexual e reprodutiva. Além disso, é fundamental adotar uma atitude de prevenção

em saúde, abordando os fatores de risco associados à gravidez, com o objetivo de reduzir seus impactos no desenvolvimento saudável do adolescente.

É igualmente crucial levar em conta esses fatores de risco ao interagir com os jovens, estimulando uma reflexão sobre suas realidades econômicas, sociais e culturais, e incentivando a criação de planos e projetos de vida que possam ser afetados por uma gravidez. Dessa forma, o ciclo que se estabelece entre as gerações e a repetição dos padrões familiares são questões importantes. De acordo com Wagner e Falcke (2005), nota-se um crescimento no número de jovens que engravidam atualmente, frequentemente carregando consigo o histórico de gravidez na adolescência de suas mães. A persistência dessa herança psíquica que atravessa gerações é clara desde as interações iniciais do indivíduo; ela molda a identidade da pessoa, revela as dinâmicas familiares e traz à tona os sentimentos que foram passados ao longo do tempo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, as autoras procuraram investigar a relação da adolescência com a maternidade e suas implicações. Através de um estudo teórico, buscaram verificar o contexto da mulher e da sexualidade na atualidade. Retomaram o tempo histórico-cultural, de modo a indicar que a temática não pode ser concebida sem a articulação ao contexto do qual emerge.

Esse trabalho propôs, portanto, apresentar uma possibilidade de conjugar cultura e subjetivação na experiência da maternidade a partir das experiências das autoras em estágios curriculares e de sua transferência com a temática estudada e seus textos. Assim, além de propor costuras teóricas sobre os temas estudados, essa pesquisa objetivou suscitar reflexões e questionamentos sobre a dimensão cultural da maternidade.

As autoras consideraram a maternidade uma temática potente para pensar o entrelaçamento entre subjetivação e cultura, devido às representações culturais que a atravessam e afetam, e às inegáveis relações desse fenômeno com a natureza humana, com a corporalidade, a estética do encontro e com o corpo erógeno. Embora a temática da maternidade extrapole – em muito – a gestação, o parto e o puerpério, tais momentos são necessariamente inscritos no nascimento de um ser humano.

A partir dessa análise, pode-se concluir que as causas da gravidez na adolescência não se resumem apenas à desinformação sexual, mas também ao desejo universal de ter um filho na adolescência, seja para testar a capacidade reprodutiva ou pelo próprio desejo de ser mãe.

Ao examinar o contexto social dessas adolescentes, é evidente que a função social da mulher está associada à maternidade; para essas jovens, muitas vezes ser mulher significa ser mãe. O nascimento de um filho gera uma grande mudança de status, um rito de passagem para cada uma delas.

Portanto, a falta de informação não é o problema principal; é a falta de treinamento. A educação sobre sexualidade e práticas contraceptivas é insuficiente e ineficaz para evitar as graves consequências. O meio pelo qual essa informação é transmitida deve abrir-se e permeabilizar-se à complexidade do mundo psicossocial dessas adolescentes, com ênfase especial na importância da gravidez para esse grupo social.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. *E-book*. Disponível em: https://rblh.fiocruz.br/sites/rblh.fiocruz.br/files/usuario/80/30._um_amor_conquistado_o_mito_do_amor_materno_-_elisabeth_badinter.pdf. Acesso em: jun. 2024.
- BENZONI, S. A. G. *et al.* **O desenvolvimento psíquico de adolescentes mães: uma visão winnicottiana**. Revista família, ciclos de vida e saúde no contexto social, Ribeirão Preto, v. 8, 2020; p. 590-599. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/4672>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da informação do ser humano: a adolescência em questão**. Cad. CEDES, Campinas, v. 24, n. 62, 2004.
- BRAGA, L. P.; CARVALHO, M. F. de O.; FERREIRA, C. L. *et al.* **Riscos psicossociais e repetição de gravidez na adolescência**. Boletim de Psicologia, [S. l.], v. 60, 2010. p. 205-215. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432010000200007. Acesso em: 18 ago. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 13.798, de 3 de janeiro de 2019**. Acrescenta art. 8º-A à Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para instituir a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113798.htm. Acesso em: 10 jun. 2024.
- CARVALHO, H. B. de. **Maternidade, ambiente e psicanálise: um estudo dos atravessamentos culturais na maternidade contemporânea**, 2020. Disponível em: http://www.rlbea.unb.br/jspui/bitstream/10482/41032/1/2020_HelenaBarbosadeCarvalho.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.
- CASSORLA, R. M. S. Prefácio. *In*: LEVISKY, D. L. *et al.* **Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 13-21. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/2291>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- FIOCRUZ. **Cartilha Sem Deixar Ninguém para Trás: Gravidez, Maternidade e Violência Sexual na Adolescência**. Bahia: 2023. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/cartilha-unfpa-digital.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. *In*: EDIÇÃO standard das obras completas de Sigmund Freud. Tradução brasileira sob a coordenação de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FREUD, S. **Psicologia de massas e análise do eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FRIZZO, G. B.; KAHL, M. L. F.; OLIVEIRA, E. A. F. **Aspectos psicológicos da gravidez na adolescência.** Psico, [S. l.], v. 36, n. 1, 2005.

FURTADO, B. M.; MORAES, S. P. de; BRÊTAS, J. R. da S. **As Infecções Sexualmente Transmissíveis na perspectiva de adolescentes na pré-puberdade.** Revista Brasileira de Sexualidade Humana, [S. l.], v. 31, n. 1, 2020. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/318/315. Acesso em: 10 jun. 2024.

GODINHO, R. A.; SCHELP, J. R. B.; PARADA, C. M. G. L.; Bertoncello, N. M. F. **Adolescentes e grávidas: Onde buscam apoio?.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, [S. l.], v. 8, n. 2, 2000. p. 25-32

IACONELLI, V. **Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução.** São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

KEHDY, R. **Quando não há aldeia para criar uma criança.** Revista Cult, [S. l.], v. 251, 2019, p. 31-33. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossieparentalidade-e-vulnerabilidades/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

LANE, S. **A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia.** In: LANE, S.; CODO, W. (Orgs.). Psicologia social: o homem em movimento. 3.ed. São Paulo: Brasiliense. 1985, p. 10-19.

LONGO, L. A. F. B. **Juventude e contracepção: um estudo dos fatores que influenciam o comportamento contraceptivo das jovens brasileiras de 15 a 24 anos.** Revista Brasileira de Estudos de População, [S. l.], v. 19, n. 2, 2002, p. 229-247.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 8.ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MARTINS, A. de C. **Gravidez na adolescência: entre fatos e estereótipos.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2021.

MELO, J. R.; ALMEIDA, M. T. F. de. **O surgimento da psicanálise: uma escuta do sintoma e da histeria.** Psicologia em Ênfase, [S. l.], 2020. p. 96-106.

MENDONÇA, T. C. P. de. **Aspectos subjetivos determinantes da gravidez recorrente na adolescência: uma abordagem a partir da psicanálise.** 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-98FSPH/1/disserta__o_teresa_mendon_a.pdf. Acesso em: 10 mar. 2024.

MISSONNIER, S.; SOLIS-PONTON, L. **Parentalité et grossesse, devenir mère, devenir père: Les interactions des parents et de l'enfant avant la naissance.** In: SOLIS-PONTON, L. (Org.). La parentalité: Défi pour le troisième millénaire. França: Presses Universitaires de France, 2002. p. 157- 172.

MOREIRA, J. O.; ROSARIO, A. B.; SANTOS, A. P. S. **Juventude e adolescência: considerações preliminares.** Psico, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 4, p. 457-464, out./dez. 2011.

PAPALIA, D.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12.ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PERSON, E. S. **No girar da roda: uma reflexão no centenário dos Três ensaios de Freud sobre a teoria da sexualidade**. In: FERRO, A. *et al.* **Psicanálise e sexualidade: tributo ao centenário do Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade 1905- 2005**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 94-97.

PERSONA, L.; SHIMO, A. K. K.; TARALLO, M. C. **Perfil de adolescentes com repetição da gravidez atendidas num ambulatório de pré-natal**. Rev. Latino Americana de Enfermagem, [S. l.], v. 12, n. 5, out. 2004, p. 745 - 750.

SABROZA, A. R.; LEAL, M. C.; GAMA, S. G. N.; COSTA, J. V. **Perfil sócio-demográfico e psicossocial de puérperas adolescentes do município do Rio de Janeiro, Brasil – 1999-2001**. Cadernos de Saúde Pública, [S. l.], v. 20, 2004. Sup. 1, p. 112-120.

SOUSA, D. D.; PRADO, L. C.; PICCININI, C. A. **Representações acerca da maternidade no contexto da depressão pós-parto**. Psicologia: reflexão e crítica, [S. l.], v. 24, n. 2, 2011. p. 335-343. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000200015>.

SOUZA, M. B. de *et al.* **Da vibração ao encontro com o outro: psicanálise, música e autismo**. Estilos clin., São Paulo, v. 22, n. 2, ago. 2017. p. 299-318.

TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (Orgs.). **Laço**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).

THEISEN, A. P. **A função materna na constituição psíquica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - UNIJUÍ: Santa Rosa, 2014. Disponível em: https://ud10.arapiraca.ufal.br/web/content?model=ud.biblioteca.anexo&field=arquivo&id=6241&download=true&filename_field=name. Acesso em: 10 out. 2024.

VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992.

VIOLA, D, T, D; VORCARO, A, M, R. **O problema do saber na adolescência e o real da puberdade**. Psicol. USP, São Paulo, v. 26, n. 1, 2015, p. 62-70. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000100062&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 10 mar. 2024.

VIOLANTE, M. L. V. **Desejo de ter filhos ou desejo de maternidade ou paternidade?** Jornal de Psicanálise, [S. l.], v. 40, n. 72, 2007. p. 153-164.

WAGNER, A.; FALCKE, D. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In: WAGNER, A. (Org.). **Como se perpetua a família: a transmissão de modelos familiares**. Porto Alegre, Edipucrs, 2005. p. 43-57.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **Desenvolvimento emocional primitivo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

WINNICOTT, D.W. **Os bebês e suas mães**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WINNICOTT, D. W. O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. *In: A família e o desenvolvimento individual*, 1997. p. 16 -17.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. 3.ed. São Paulo. Martins Fontes, 1999.